

MEDIAÇÃO DIDÁTICA EM “SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS” E “ESCRITORES DA LIBERDADE”

Kelly Ferreira dos Santos¹ – kellyf.santos@hotmail.com
Gláucia Vieira Cândido² – glaucia.v@uol.com.br

Introdução

Neste trabalho, pretende-se discutir o conceito de mediação didática e analisar de que forma ela é realizada pelos professores principais dos filmes “Sociedade dos Poetas Mortos”, lançado em 1989 e dirigido por Peter Weir, e “Escritores da Liberdade”, lançado em 2007 e dirigido por Richard LaGravenese.

A fim de entender o conceito de mediação didática, é preciso, primeiramente, conhecer o sentido de mediação. Segundo D’Ávila (2002, p. 14), originada do latim *mediatio*, a palavra “mediação” significa “intercessão ou intermédio”, ou seja, “refere-se às ações recíprocas que interagem entre duas partes de um todo, entre os pólos de uma totalidade”. No caso da mediação didática, portanto, o objeto (conhecimento) está em um polo e o sujeito (aluno) em outro. O professor, dessa forma, estaria no meio, tornando desejável ao aluno aquele conhecimento, o que resultaria numa aprendizagem eficaz.

A partir de breves roteiros de análise, perceber-se-á claramente, nos filmes escolhidos, a postura mediadora dos professores John Keating (Sociedade dos Poetas Mortos) e Erin Gruwell (Escritores da Liberdade). Ambos se preocupam em tornar o conhecimento desejável aos seus alunos; estimulam a autonomia destes quanto à própria aprendizagem; e incentivam, através da sua ação didática, a superação de problemas pessoais e sociais, proporcionando, a cada aluno, uma apropriação adequada e pessoal daqueles conhecimentos.

Revisão de Literatura

Na relação de ensino e aprendizagem, o aluno assume um papel ativo, no momento em que “busca e adquire informações, dá significado ao conhecimento, produz reflexões e conhecimentos próprios, [...] muda comportamentos, transfere aprendizagens, integra conceitos teóricos com realidades práticas”, etc. (MORAN;

¹Aluna do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, da Universidade Estadual de Goiás. Anápolis/GO. Bolsista CAPES.

² Professora convidada do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, da Universidade Estadual de Goiás. Anápolis/GO.

MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 140). O professor, nessa relação, não pode ser somente aquele que transmite conhecimentos e experiências, mas o que assume o papel de “mediador entre o aluno e sua aprendizagem”, ou seja, ele deverá ser “o facilitador, o incentivador e motivador dessa aprendizagem” (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 140).

Dessa forma, a mediação didática (ou pedagógica) é entendida como:

a forma de se apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela. (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000, p. 145)

Para que o professor-mediador tenha sucesso, precisará desenvolver algumas características, como as listadas por Moran, Masetto e Behrens (2000): assumir o aluno como centro do processo de ensino e, assim, planejar ações, desafios, em função dele e de seu desenvolvimento; estabelecer um ambiente de confiança mútua; incentivar a pesquisa e atividades que despertem a autonomia do aluno em relação à sua aprendizagem; valorizar as diferenças entre os alunos; mostrar-se disponível para o diálogo; entre outras.

Assim, “o ensino verbalista, a mera transmissão de informações, a aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais” (LIBÂNEO, 2000, p. 29). D’Ávila (2002, p. 76), baseada em estudos de Luckesi (1990), afirma que a aprendizagem, ao contrário do que se espera da pedagogia tradicional, “deveria ser de caráter ativo para que, assim, o aluno pudesse compreender sua realidade e nela intervir”. Esse caráter ativo da aprendizagem por parte do sujeito e como esse processo é mediado pelo professor é o que se pretende observar nos dois filmes que serão analisados a seguir.

Metodologia

Com o propósito de pesquisar de que forma acontece a mediação didática na ação do professor John Keating, em *Sociedade dos Poetas Mortos*, e da professora Erin Gruwell, em *Escritores da Liberdade*, faz-se necessário traçar breves roteiros dos filmes, que nortearão tal análise.

Sociedade dos Poetas Mortos, baseado em fatos reais, passa-se em 1959, em Vermont, nos Estados Unidos. Escola só para meninos, cujo objetivo principal era a preparação para o ingresso em universidades, a Academia Welton tem como pilares a tradição, a honra, a disciplina e a excelência. No início do ano letivo, é apresentado aos alunos o novo professor de Inglês, John Keating, que, por acreditar na liberdade do pensamento, vai de encontro a alguns preceitos da escola tradicional, tais como: o uso inquestionável do livro didático, a obediência ao currículo predeterminado, a sala de aula como único lugar adequado de ensino, entre outros.

A partir de seu incomum método de ensino (subir na mesa para ensinar aos alunos a verem o mundo sob uma perspectiva diferente; pedir que andem no pátio, no seu próprio ritmo, para ensiná-los sobre conformidade e sobre a dificuldade em manter convicções diante de outras opiniões; entre outros exemplos) e por tratar os alunos como sujeitos da própria aprendizagem (em oposição a outros professores e pais retratados no filme, que acham que tais alunos são muito jovens para ter opinião própria ou para arcar com responsabilidades, por isso não devem sequer ser ouvidos), este professor, com a filosofia de “aproveitar o dia”, bem ou mal, cria um impacto na vida daqueles jovens, que passam a confrontar seus medos e a sociedade tradicional da época, na defesa de seus ideais.

Em todos esses exemplos, é possível notar o esforço de Keating em tornar o conhecimento desejável ao aluno, planejando aulas diferenciadas, fugindo do currículo pré-programado quando necessário e propondo atividades prazerosas. Ainda que se observem falhas na postura de Keating (ele dá opiniões como se fossem as únicas certas, cometendo o mesmo erro dos tradicionais radicais, dos quais tanto diverge), é inegável o caráter positivo de estímulo à mudança e à autonomia em sua prática.

Dessa forma, é possível observar que Keating faz uso de técnicas que mediatizam, facilitando o processo de aprendizagem, favorecendo o diálogo, a interação, privilegiando conteúdos que terão utilidade na vida e proporcionando desafios, como a descoberta de si mesmos e a defesa de suas crenças pessoais, rompendo valores ultrapassados da época.

Já o filme “Escritores da Liberdade”, também baseado em fatos reais, se passa em Los Angeles, Estados Unidos, em 1992, e mostra a história da professora recém-formada Erin Gruwell, na escola pública Woodrow Wilson, que, a partir da implantação de um programa de integração voluntária, passou a receber alunos violentos e desinteressados, membros de gangues, com passagem pela polícia e de baixa renda.

A princípio pouco respeitada pelos alunos, Gruwell tem dificuldade em fazê-los se interessar pela disciplina de Inglês e em administrar a relação difícil entre os grupos de alunos, causada por conflitos raciais. Mas consegue, a partir de discussões sobre questões históricas, raciais e sociais, interessá-los nas aulas e atividades.

Sem apoio da escola ou dos colegas de trabalho, Gruwell desenvolve seu próprio método de ensino (tornando desejável o conhecimento aos alunos, através do uso de músicas e dinâmicas) e adapta ou foge do currículo quando necessário (aproximando os conteúdos da realidade dos estudantes). Assim, colocando-os no centro do processo de aprendizagem, e atuando como mediadora, dá voz aos alunos (quando propõe a produção de diários), proporciona o aumento da autoestima (quando mostra as diferentes oportunidades que o mundo oferece, através de excursões, passeios e jantares; e quando os valoriza e os incentiva) e os une (quando propõe atividades que mostram o quanto eles têm em comum). Os alunos trocam experiências, pesquisam, leem, dialogam, desenvolvem o pensamento crítico e, assim, se empenham em mudar, em ser algo mais dentro e fora da escola.

Nesse processo, assim como feito por Gruwell, é importante que o professor medeie a “relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses” (LIBÂNEO, 2000, p. 29).

Nota-se, assim, que a mediação conduzida por Gruwell tem caráter acadêmico e social, na medida em que os alunos melhoram seu desempenho escolar e passam a avaliar a vida fora da escola sob outra perspectiva, mais esperançosa. Ou seja, a educação, nesse contexto, pode se tornar “um importante instrumento de apoio à transformação social que se pretende engendrar, mediante a apropriação de um saber que revele as contradições sociais e anuncie as possibilidades de novas relações sociais” (D’ÁVILA, 2002, p. 19).

Conclusões

De acordo com Libâneo (2000), o professor-mediador tem por função principal orientar os alunos para objetivos educacionais, criando um espaço de diálogo e livre expressão, propondo problemas e desafios – isso resultaria em alunos capazes de argumentar e de defender suas convicções. Assim, a escola ideal deveria assegurar a todos uma “formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã” (LIBÂNEO, 2000, p. 7-8).

Embora os filmes se passem em outro país e em outras décadas, é possível estabelecer semelhanças com o ensino nacional atual: problemas sociais interferindo na vida escolar, pouco espaço de diálogo para o aluno se fazer ouvir, falta de autonomia do aluno em relação à sua aprendizagem, entre outras. Pretende-se, com este trabalho, valorizar as histórias contadas nos filmes, como forma de incentivo e exemplo de como a mediação didática pode ter impacto positivo na vida de alunos e professores.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS DE
ANÁPOLIS

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS
13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

Referências

D'ÁVILA, Cristina. *Ruim com ele, pior sem ele* – A mediação docente e o uso do livro didático na sala de aula. Salvador: UFBA, 2002 (tese de doutorado).

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?* Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2000.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.